

Não mata (?) mas mói

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

“É só uma dorzinha. Não consigo fazer isto, não consigo fazer aquilo, mas vou andando”. São as frases típicas que caracterizam um dos grupos de doenças mais desvalorizado, mas nem por isso menos grave ou incapacitante. Amanhã, dia 12 de Outubro, assinala-se o Dia Mundial das Doenças Reumáticas, uma iniciativa global, celebrada desde 1996, que pretende sensibilizar a comunidade médica, os doentes e o público em geral para as doenças reumáticas e músculoesqueléticas, bem como os decisores políticos para o impacto das mesmas na sociedade.

“Um dos problemas associados às doenças reumáticas é o impacto social que tem. As pessoas, incluindo os responsáveis políticos, não valorizam normalmente as doenças reumáticas”, reforça Mário Rodrigues, director do Serviço de Reumatologia do SESARAM.

E deixa o alerta: “Posso garantir que as doenças reumáticas são certamente as mais caras da sociedade, porque têm um grande impacto na vida laboral, na vida social e na vida familiar”.

“Não é só o custo do anti-inflamatório... é a incapacidade parcial ou permanente e são os custos associados”, sustenta o especialista.

Com efeito, “85% das pessoas ao longo da sua vida vai ter pelo menos um episódio de lombalgia, que as impedirá de trabalhar”, destaca.

Ainda ao nível das faltas ao trabalho motivadas pelas doenças reumáticas, Mário Rodrigues dá o exemplo das fracturas do colo do fémur, “uma pequena parte do problema” que corresponde a “mais de cinco mil dias de trabalho perdido”.

A conclusão é a seguinte: “No glo-

bal, em Portugal não se gasta menos de 4 mil milhões de euros por ano com estas questões”.

O reumatologista reconhece que os tratamentos biológicos, os mais avançados nesta área, “são caros”. “Um doente em tratamento biológico não custa menos de 10 mil euros por ano”, refere. Não obstante, “gastar esses 100 mil, poupa num conjunto de outras coisas”, vinca.

Para se poder gastar menos, diz, “é preciso, em primeiro lugar, educar e prevenir”. É que, ao contrário do que se pensa, as doenças reumáticas não afectam só os mais idosos. “Podem afectar qualquer um desde o nascimento até à morte. Não escolhem idades”, nota o director do Serviço de Reumatologia.

“Claro que são doenças que não são exuberantes, não têm assim um grande impacto mediático. Ter um cancro e morrer amanhã tem um impacto. Ter um enfarto do miocárdio ou ter um ACV tem um impacto. Ter dores nas costas ou ter uma artrite que mói, não”, sublinha. E, sem querer incorrer em alarmismos, avisa: “Também se morre, e bastante, por causa das doenças reumáticas”.

“A esperança média de vida de um doente que contrai uma artrite reumatoide aos 25 anos, provavelmente está diminuída em 10 anos”, elucida.

Numa nota mais animadora, constata que apesar de se tratarem de doenças crónicas, isto é, que não têm cura, as doenças reumáticas têm tratamento. O mais importante, frisa, é identificar a “janela de oportunidade” para o diagnóstico precoce e tratamento atempado destas doenças.

SESSÕES FORMATIVAS

■ Com o objectivo sensibilizar a comunidade médica para as doenças reumáticas e músculo-esqueléticas, o Serviço de Reumatologia do SESARAM promove duas sessões formativas, esta tarde, na sala de conferências do Hospital Dr. Nélio Mendonça. A primeira sessão será dedicada ao tema ‘Hospital de Dia em Reumatologia’ e contará com o contributo de Lurdes Barbosa, enfermeira responsável pelo Hospital de Dia, do Hospital Garcia da Horta, em Almada. Além de explicar o funcionamento do Hospital de Dia, esta sessão irá abordar os benefícios das terapias biológicas, que também são implementadas no Hospital Dr. Nélio Mendonça, desde 1999.

Já a segunda sessão formativa, será dedicada à ‘Imunossupressão e Vacinação’, tendo em vista sensibilização para a importância das mesmas, bem como quebrar alguns mitos associados a estas questões.

A abertura está agendada para as 14 horas, e contará com a presença do secretário regional da Saúde, Pedro Ramos.



In “Diário de Notícias”